

Sebastianismo ?à la carte?

Quem, com alguma preocupação, pensando o País dependente que continuamos a ser hoje, se der ao incômodo de reverter a memória só até à época recente do Salazarismo - e por via das dúvidas desvanecer eventuais sombras que ainda envolvessem a ideia de os Portugueses sempre terem sido agraciados com o aparecimento de heróis e santos providenciais - há-de ter ficado perplexo com a encenação esplendorosa organizada pelos principais partidos políticos para receberem os seus líderes, em recintos a trasbordar de luzidos correlegionários e convidados, numa onda de euforia que pedia meças com as entradas triunfais, no Egito, de Alexandre Magno, Júlio César ou Napoleão Bonaparte...

A televisão não iludiu: naqueles espaços onde estrondeavam vivas e hinos apoteóticos, naqueles milhares de rostos banhados pela luz de uma Certeza revelada, que já era mais do que uma Esperança prometida, um espectador céptico só poderia fazer duas leituras: ou os líderes, confiados nos sortilégios da propaganda, contavam que a teatralização, pela positiva, da campanha eleitoral funcionaria, para os espíritos ávidos de mensagens messiânicas, como terapia contra o pessimismo instalado em grandes faixas da sociedade portuguesa; ou simplesmente os líderes, quais ungidos pela Providência que os escolheu, interiorizaram e assumiram, sem reboço, o papel do "salvador" que respeitados cientistas sociais afirmam ser "esperado" pelos portugueses nos momentos de grande depressão e ansiedade.

Há quem ainda chame "sebastianismo" a essa "fé" que teria começado com os "sinais" vistos no céu pelo primeiro Rei, na batalha de Ourique e que depois, ciclicamente, ressurgiu nas trovas do sapateiro Bandarra, em Trancoso; nos sermões do padre António Vieira, desde o sertão do Brasil; nas manifestações da República Nova de Sidónio Pais e do Estado Novo de Oliveira Salazar; e, por último (?) nas "mensagens" de Fernando Pessoa. Pode perguntar-se quem se segue na lista dos Encobertos?

E tudo muito estranhamente, pois está mais que sabido que D.João IV não "ressuscitou" e D.Sebastião, além de nunca ter "transmigrado" de Alcácer Quibir, foi um jovem Rei precipitado ou mal aconselhado que, desprezando uma regra elementar aplicada noutras guerras, desta vez não cuidou de avaliar a força do adversário maior e por isso sucumbiu ingloriamente, originando a perda da independência nacional. E que já não há mais Impérios para desmentir a nossa pequenez real, além do único que foi mais mercantilista do que judaico-cristão seria o Quinto, este, sim, consentâneo com a actual mística dos novos "cruzados" dos Estados Unidos.

Eis, agora, que uma nova Esperança agita a alma dos portugueses, mas introjectada pelos políticos como um ansiolítico (que ilude os efeitos das crises sem debelar as causas). Na forma de "slogans" que, paradoxalmente, agravam o estado de ansiedade, de um lado, convocam-se os ânimos para atingir Novas Fronteiras; de outro, sob o lema dos Heróis do Mar, incita-se a voltar ao Atlântico - em todo o caso ressalvando que a Europa (e já não um Portugal "orgulhosamente só") é ancoraduro seguro e fiável.

No hermetismo das sibilinas exortações, é preocupante a indefinição do que os líderes entendem por Atlântico e Novas Fronteiras (geográficas? ideológicas?), não havendo mais mares para desvendar, colónias para possuir, fronteiras para inscrever. O Mar Magnum que outrora foi português, no dizer do Poeta, hoje quase não vai além da linha do horizonte; a Índia, a África e o Brasil têm outros donos; a velha e única fronteira terrestre que separava Portugal da Europa é comum a Espanha e, sendo agora uma linha de marcos virtuais, por ela transitam à vontade milhões de europeus, uns que já se conheciam desde a fundação da nacionalidade, ora amigos, ora inimigos, outros de quem até há pouco não se sabia como era o rosto, a língua e os costumes. E, contudo, muitos deles, instalados já com pleno direito de posse ou usufruto, plantam vinhas, oliveiras e pomares nas terras primitivamente arroteadas por celtas, árabes e lusitanos e depois abandonadas pelos portugueses que, por não caberem no berço, no dizer de outro Poeta, venderam ou alienaram as velhas casas de pedra e xisto herdadas dos antepassados, para custearem a viagem que os levaria a Novas Fronteiras.

Que inesperado líder ousará dizer que é urgente fazer a terapia do regresso ao Portugal verdadeiro, para revivificar as "pedras mortas", passando por Tormes ou Trancoso e, depois de uma noite de calma reflexão, revendo, na manhã seguinte, a cara lavada, decidir como Destino: "Basta de fingir de "francês" ou "americano". Antes que se percam os anéis e os dedos, toca a lavar a terra com os bois que ainda ficaram e alimentar como última Esperança que não venham maus ventos das bandas de além fronteira."?